

Polêmica envolve os plásticos

O consumidor que busca informações sobre plásticos oxibiodegradáveis encontra um campo polêmico. No Brasil, fabricantes têm à disposição três opções de aditivos que dariam ao plástico a propriedade de se fragmentar em contato com oxigênio e ser consumido por microorganismos. Mas não há consenso científico sobre eles, nem certificação oficial. Alguns especialistas os defendem como forma de diminuir o tempo de vida dos plásticos no meio ambiente de 500 para dois ou três anos. Outros negam a existência de um plástico realmente oxibiodegradável.

O aditivo para oxibiodegradação mais usado aqui é o inglês d2w, vendido a 170 fábricas pela RES Brasil. Segundo a empresa, testes em universidades mostraram que os plásticos com d2w se degradam e não são tóxicos. Em sua pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o engenheiro químico Teimo Ojeda comprovou que plásticos com esse aditivo se degradam em até dois anos depois de expostos ao sol e o dobro do tempo se isso não ocorre.

É uma degradação cem vezes mais rápida que a dos plásticos comuns. Se sobra resíduo, é do aditivo, que pode ser manganês, ferro ou co-balto, que são micronutrientes do solo garante Ojeda.

Um fabricante que usa o d2w em sacos de lixo é a Polibag. Segundo o gerente comercial Ricardo Signori, apesar de o produto ficar 10% mais caro que o comum, há muitos consumidores para eles, até em redes populares de mercados.

Supermercadistas ainda resistem, mas os consumidores compram. Hoje, 40% da nossa produção é oxibiodegradável constata Signori.

A Fundação Verde (Funverde), organização não-governamental paranaense que defende sacolas retornáveis, indica sacos com o aditivo d2w, cujo nome aparece numa gota nos rótulos, como alternativa.

Sacos plásticos compõem 10% do lixo nos aterros, cada brasileiro descarta 66 deles por mês. Os oxibiodegradáveis são uma opção até as pessoas passarem a só usar sacolas retornáveis defende Ana Domingues, instituidora da Funverde.

O próprio diretor-superintendente da RES Brasil, Eduardo Van Roost, sabe que essa não é a solução ideal, mas a considera como "medida de segurança para a natureza":

Nossa proposta é reduzir o lixo abandonado no meio ambiente que polui rios e mares explica Van Roost.

Outro aditivo, o canadense TDPA, é usado, por exemplo, na linha oxibiodegradável Dover-Roll de sacos de lixo e para fezes de cães, produzida pela Engetech. O engenheiro químico Gabriel Medeiros, gerente industrial da fábrica em São João de Meriti, Baixada Fluminense, apresenta laudos mostrando que o aditivo não é tóxico e atende às normas da Sociedade Americana para Testes e Materiais. Expostos ao ambiente, os sacos ficariam quebradiços em 30 dias e bem fragmentados em três meses, virando dióxido de carbono e água.

Conhecemos várias técnicas muito lentas ou caras, até conseguirmos lançar, há quatro anos, o primeiro saco de lixo biodegradável no país, cujas vendas significam 9% da produção - conta Gabriel.

O sucesso de vendas explica-se não só pela consciência ambiental, mas pelo preço. Como não foi preciso mudar máquinas na Engetech, sendo apenas tomados cuidados para o produto não sofrer ação de luz e calor, os sacos oxibiodegradáveis ficaram só 5% mais caros. A certificação apresentada por eles é a americana, porque não há normas no Brasil para oxibiodegradáveis. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) já lançou duas normas sobre produtos biodegradáveis, mas nada sobre os "oxi".

Não há tecnologia comprovada sobre oxibiodegradação. Isso faz até com que muitos descartem tais plásticos de qualquer maneira, prejudicando a reciclagem alerta Paulo Dacolina, diretor-superintendente do Instituto Nacional do Plástico, que participou da norma da ABNT.

Universidades brasileiras estão sendo procuradas para instalar um laboratório que certifique sacolas biodegradáveis, que teriam como base produtos naturais, como o milho. A direção da Universidade Mackenzie, em São Paulo, estuda essa possibilidade. Professor de lá, o engenheiro de materiais Guilhermino Fachine fez testes com plásticos vendidos no país como oxibiodegradáveis e garante que eles não se degradam:

Esses plásticos se fragmentam e viram pó composto em boa parte por metais pesados, não consumido por microorganismos, condição necessária para ser considerado biodegradável. Na verdade é muito difícil tornar um plástico normal em biodegradável por conta da estrutura química do plástico em si.

O Ministério do Meio Ambiente também não tem estudos conclusivos sobre o ciclo de vida dos plásticos oxibiodegradáveis. Segundo o diretor de Qualidade Ambiental na Indústria da Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental (SMCO), Ru-dolf de Noronha, são apenas acompanhados os estudos realizados e entregues por empresas com plásticos feitos dos mais diversos produtos, mas não haveria nada de conclusivo nos resultados. Diante disso, ele sugere:

O consumidor com preocupação ambiental deve gerar menos detritos possíveis e preferir sacolas reutilizáveis. Quando compramos qualquer coisa na rua, por menor que seja, vem junto um plástico. Devemos resistir.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 2 fev. 2009, Razão Social, p. 14.